

CAMINHOS DA GEOGRAFIA AGRÁRIA E DOS ESTUDOS RURAIS RUMO À INTERDISCIPLINARIDADE

Gutemberg Armando Diniz GUERRA¹

Resumo

Este artigo trata do imbricamento entre a Geografia Agrária e outras áreas de conhecimento, partindo do pressuposto de que todos os domínios, por mais recortados e definidos que sejam em si mesmos, mobilizam saberes de outros e se constituem em emaranhados com lógicas de exposição definidas, com linguagem própria, com personalidade temática e conceitual. Parte de considerações fundadas na obra de autores que teorizaram sobre os usos da Geografia na compreensão do espaço agrário e suas aplicações no campo dos estudos rurais. Discorre sobre os usos de tecnologias nesta área de domínio e do uso da cartografia como uma linguagem que vem se constituindo em instrumento fundamental de compreensão da dinâmica ocupacional por atividades econômicas privadas estimuladas e referenciadas pelo apoio de recursos governamentais e de políticas públicas e do enfrentamento promovido pelo movimento social. Tem o foco empírico nos estudos amazônicos e em autores que se debruçaram sobre a compreensão das transformações ocorridas nesta região ao longo de sua história, em particular a partir da segunda metade do século XX. Demonstra a importância das contribuições da Geografia agrária para os estudos rurais e sua natureza interativa e interdisciplinar para explicar os fenômenos recentes no espaço local e seus impactos no mundo econômico e social globalizado.

Palavras chave: Epistemologia, dinâmica agrária, movimentos sociais, campesinato, agronegócio

THE AGRARIAN GEOGRAPHY AND THE RURAL STUDY ROUTES TOWARDS INTERDISCIPLINARITY

Abstract

This article discusses the overlapping between Agrarian Geography and other subjects, assuming that all domain, as specific and particular as they are, gather knowledge from other fields of study, constituting an intertwine of knowledge of defined exposure, with their own lingo, as well as their own theme and conceptual personality. Part of the founded considerations in the authors' studies theorizes about the use of Geography to understand the agrarian space and its use in the rural studies field. It discusses about the technologies in this domain and the use of cartography as a language that has become an important instrument to understand the occupational dynamics by private economic activities and referred by the government resources support and public policies facing social movements. There is an empirical focus in the Amazon studies and authors that have dedicated their studies in trying to understand the transformations occurred in the region throughout history, particularly from the second half of the 20th century. It demonstrates the importance of the Agrarian Geography contributions to the rural studies and its interactive and interdisciplinary nature to explain recent phenomena in local space and their impact in the economic and social globalized world.

Keyword: Epistemology, agrarian dynamics, social movements, peasantry, agribusiness.

PULANDO A CERCA DA DISCIPLINARIDADE

O enquadramento temático com recortes rigorosos para o desenvolvimento da ciência foi uma prática que se tornou dominante desde o positivismo criado por Auguste Comte. A divisão disciplinar e fragmentário atribuída à proposição de René Descartes em “O discurso do método” (DESCARTES, 1983) foi levada às últimas consequências convertendo as áreas

¹ Engenheiro Agrônomo pela Universidade Federal da Bahia (1976), Especialista em Desenvolvimento Rural Integrado pela Secretaria de Planejamento e Tecnologia do Estado da Bahia (1984), Mestre em Planejamento do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Pará (1991), doutor em Socio Economia do Desenvolvimento pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França (1999), Pós doutor pela Columbia Universtiy in New York City (2009). Professor associado e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas do Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Pará (2006-2007 e 2010-2011).

do conhecimento em uma miríade de especializações. Emile Durkheim (1987), em sua Regra do Método Sociológico fez um enorme esforço, no primeiro capítulo, para diferenciar a Psicologia, ciência do indivíduo, da Sociologia, ciência dos grupos sociais como se a delimitação destes campos fosse vital para a consolidação desta. Freud excomunga Jung quando este acena com a possibilidade de trabalhar com o esoterismo, arriscando misturar ciência e religião, desvirtuando o esforço do mestre em firmar a Psicologia como campo científico objetivo. Durante muitos anos, a partir da década de 1980, os engenheiros agrônomos do Brasil militaram por manter o caráter eclético de suas profissões, tentando barrar o que chamavam de pulverização da profissão de engenheiro agrônomo, com a criação das especializações em engenharia florestal, zootecnia, engenharia agrícola, fitotecnia...

A fragmentação das profissões em especializações continua dominando no campo da ciência, em que pese o reconhecimento da interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e da transdisciplinaridade (LIBANEO e SANTOS, 2005) como necessidades modernas em que as áreas, tendo constituído os seus campos específicos de mercado de trabalho e de conhecimentos e abordagens específicas, voltem a dialogar e tirar proveito das possibilidades de oferecer aos seus pares e ao seu público mais amplo leituras abertas, sistêmicas, holísticas.

A Geografia agrária é um domínio que vem crescendo em visibilidade e em diálogo com a abordagem sistêmica ou interdisciplinar feita em muitos dos trabalhos publicados pelos estudiosos dos problemas do campo brasileiro e latino americano. O uso cada vez mais generalizado da imagem, seja na cartografia demonstrando a territorialidade nos grandes centros urbanos, de populações tradicionais (indígenas, ribeirinhos, quilombolas, camponeses) e os avanços do agronegócio, seja da fotografia aérea, tem se constituído praticamente em uma hermenêutica pela intensidade de interpretações e objetividade que permite. Mais do que um instrumento, este recurso permite ler o que está escrito na terra (Geografia) e articular conteúdos de áreas disciplinares diversas como a sociologia, antropologia, ciência política, políticas públicas, biologia (ecossistemas, biomas), geologia (mananciais aquíferos e minerais), história, religião e artes.

O agrário se define por si mesmo como o que se refere às relações sociais e econômicas criadas, mantidas e preservadas pelo uso do território e tudo aquilo que ele comporta, qual seja um espaço, atores sociais políticos e econômicos que se relacionam em um determinado campo que pode ser entendido como espaço rural ou urbano, ou de interface entre eles.

A Geografia que se firmou como disciplina instrumental nos processos de colonização, utilizada fortemente nas estratégias e ações militares, vem sendo apropriada para compreensão dos atores que se estabelecem no espaço através de suas práticas de uso e transformação da paisagem. Esta por sua vez, compreendida até certo período como expressão da natureza, vem sendo interpretada como expressão da ação humana e das categorias sociais que nela desenham as suas perspectivas de produção e de relação com a natureza (VERDUM et al, 2012).

Qualquer que seja a representação gráfica revela confluências e divergências de interesses. No caso da cartografia Almeida (1994) demonstrou em seu livro “Carajás, a Guerra dos mapas”, como o retrato de uma situação fundiária pode traduzir problemas de superposição conflitos latentes ou declarados e como os diversos atores se apropriam e se manifestam do território. No caso específico do Pará, tanto quanto na Amazônia brasileira, em que as dimensões territoriais do Estado e região exigem um esforço diferenciado de compreensão, a representação cartográfica, o uso de tecnologias de georeferenciamento, a localização das atividades econômicas que vem se intensificando deslocando populações e moldando a paisagem à imagem dos novos empreendimentos e atores sociais presentes tem recebido uma atenção especial dos estudos rurais e da Geografia Agrária em particular. A associação entre a Geografia e seus recursos instrumentais de espacialização e quantificação dos dados associado ao olhar e interpretação antropológica, sociológica, agrônômica, econômica e cultural permitem a análise de fenômenos com um grau de complexidade que a Geografia por si mesma teria limites para fazer. Esta aplicação de olhares cruzados no meio rural, disperso e compreendido de forma secundarizada pelas diversas áreas do conhecimento, quando associados interdisciplinarmente permite uma visão sistêmica que favorece à intervenções interacionais, interinstitucionais e envolvendo os atores representados por suas instancias corporativas, partidárias, ou de outras matrizes associativas como cooperativas, clubes de serviço e outras organizações da sociedade civil.

A presença de três unidades do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária e outras três do Instituto Brasileiro de Proteção ao Meio Ambiente são demonstrações cabais da existência de problemas fundiários e ambientais que exigem do governo brasileiro uma resposta convincente à sociedade e às categorias envolvidas diretamente nesses domínios. Em que pese o questionamento sobre a eficácia destes organismos, eles são indicativos da intensidade do problema na região.

O uso de recursos tradicionais da Geografia, como a cartografia, o georreferenciamento, a descrição da paisagem enquanto expressão física de fenômenos naturais e sociais, associados a recursos tecnológicos têm dado qualidade interpretativa às leituras que se faz das transformações ocorridas no espaço de atuação do capital e do trabalho no campo e seus efeitos nas cidades.

Para uma leitura qualificada do que vem ocorrendo no mundo agrário, as disciplinas exigem sinergia entre si para que possam ampliar suas possibilidades de leitura. É nesse sentido que se tem visto em encontros de geógrafos a presença de antropólogos, sociólogos, engenheiros agrônomos, biólogos, cientistas políticos e de atores sociais que dão corpo aos enunciados propostos pelos intelectuais dessas áreas.

No caso dos estudos rurais, não só profissionais da Geografia Agrária tem se engajado em parcerias com pares de outras áreas do conhecimento, mas também profissionais de outras áreas que antes contavam com a Geografia como disciplina instrumental, tem dela exigido um intercâmbio que amplia e favorece a compreensão da complexidade dos fenômenos analisados.

No caso específico do Estado do Pará, em que a dinâmica do capital tem se manifestado nos setores agrícola e da mineração com intensidade há mais de três décadas, o debate com os profissionais da Geografia Agrária é uma vantagem e um desafio. Vantagem por conta de uma interação que vinha ocorrendo há décadas, com a formação de pesquisadores pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos e pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da mesma Universidade Federal do Pará, tanto quanto com o envio de professores desta universidade para outras do país e do exterior para aperfeiçoamento em mestrados e doutorados com abordagens interdisciplinares.

A formação de um corpus teórico para a compreensão dos fenômenos sociais e agrários ocorridos no processo de intensificação e transformação dos papéis da inserção da região amazônica na economia nacional e internacional vem ocorrendo com análises da implantação de empreendimentos fundamentais à exploração agropecuária e mineral, quais sejam usinas hidroelétricas, estradas rodoviárias, ferrovias, hidrovias, universidades, institutos para a formação de técnicos, escolas de nível básico, fundamental e médio, transporte, crédito, assistência técnica, indústrias, bancos e órgãos públicos para o atendimento básico de saúde, saneamento, regularização fundiária e controle dos impactos sobre o meio ambiente.

DADOS DE CAMPO, RETRATOS DE AÇÕES

A representação da espacialização de organizações camponesas e patronais no Estado do Pará vem sendo feita em estudos em que o uso da cartografia permite descrever e analisar a dinâmica associativa (FERNANDES JR, 2008; GUERRA, 2013) e as dinâmicas territoriais e políticas que elas encerram e podem ser expressas visualmente (HEBETTE, 2004 e NAHUM, 2011). Além da representação cartográfica utilizada nas obras acima citadas, o espaço que vem sendo ocupado pelo capital ou por componentes do movimento social vem sendo teorizado nas últimas décadas por intelectuais brasileiros (SANTOS, 1988, 1993, 1994, 1998, 2008, 2011, 2012^a e 2012^b, BECKER, 2007) e internacionais (LIPIETZ, 1988; THIERY, 1996; TOURNEAU e DROULERS, 2011), demonstrando-se o processo de agrarização ou de urbanização crescente, com efeitos que podem ser monitorados pelas técnicas dessa área de conhecimento.

O processo de integração da Amazonia à economia nacional e internacional tem sido se oferecido como empiria pertinente para as representações dessa área, conforme demonstra Théry (1996) e Tourneau e Droulers (2011) em obras de referência para a compreensão tanto do Brasil do passado quanto do contemporâneo.

Obras do domínio da Antropologia e Sociologia em suas descrições e análises mobilizam recursos do pensamento geográfico como instrumentos fundamentais para suas demonstrações como é o caso de autores que se tornaram referência dos estudos sobre o processo de ocupação da Amazônia como Velho (1972), Ianni (1978, 1979^a, 1979^b), Emmi (1999), Martins (1973, 1986), Acevedo e Castro (1998), Becker (2007). Os casos acima citados se identificam com uma análise geopolítica do espaço amazônico, em que é inevitável a explicitação dos atores que se fazem presentes e dão o tom da dinâmica socioeconômica regional, sendo um das mais expressivos o Estado através de suas mais diversas expressões como as estruturas institucionais em que se pode identificar militares, agentes fundiários, de controle do meio ambiente, de pesquisa agropecuária, de assistência técnica no meio rural, de educação, saúde, justiça e infraestrutura de transporte e crédito. Favorecidos pela ação governamental desde particularmente com a abertura das rodovias federais (Transamazônica, Santarém Cuiabá, Belém Brasília) e estaduais, a atividade agropecuária se firma em grandes estabelecimentos seja de empresas lideradas por agentes locais, seja de multinacionais e de instituições financeiras, estimuladas pelos incentivos fiscais. Impondo-se através da mesma ação governamental ou por ela induzidos, ou ainda pelo conflito aberto, populações

autóctones, indígenas, ribeirinhos, quilombolas e camponeses com variados perfis veem completar a miríade de personagens no quadro regional em profundo processo de mudança.

A expansão do espaço do capital e a disputa com setores do mundo rural como os camponeses, quilombolas, indígenas e ribeirinhos se impõem como tema e se moldam com os recursos da visualização estabelecendo-se uma hermenêutica em que a geografização dos fenômenos vem sendo cada vez mais presente. Acentua-se o caráter dinâmico dessa leitura pela mobilização de conteúdos históricos, sociais e políticos, tornando-se esta leitura de natureza interdisciplinar e com graus de complexidade que rompem com padrões do positivismo clássico e de tendência estática. Neste particular as transformações no espaço pelos atores e suas práticas que vem se constituindo no período recente da história do país cobram este esforço e se materializam em uma Geografia agrária que mobiliza conhecimentos das diversas áreas de ensino tanto quanto dialoga com estas e se estabelece com um ecletismo que a diferencia das formalizações tradicionais dos textos de décadas anteriores e de segmentos da geografia que se limitavam aos aspectos físicos sem articula-los com as relações sociais e econômicas que os produzem modificando-os ou preservando-os.

O conceito de territorialização tem sido um dos que exibem vigor uma vez que tem sido utilizado tanto para definir áreas de atuação governamental como da atividade privada. Não é possível separar a ação governamental da interação com ou reação do movimento social, como no caso dos assentamentos de reforma agrária. Eles são produtos da pressão social, em que ora Estado e representações da sociedade civil se combinam e convergem para acordos, ora se contrapõem no debate sobre políticas que beneficiam ou restringem os seus acessos nos moldes pleiteados pelos demandantes. O mesmo ocorre com a agropecuária e agroindústria, beneficiadas com recursos governamentais em abundância que ultrapassam em muito os percentuais destinados aos camponeses.

A dinâmica que exige interdisciplinaridade na Geografia agrária faz com que esta área de conhecimento também seja demandada para contribuir com a compreensão sobre as relações que se estabelecem, seja como cooperação entre os agentes do mesmo campo, seja como disputa entre categorias diversas e oponentes, como tem sido o caso dos enfrentamentos entre o agronegócio e a agricultura familiar, em particular aquela praticada por camponeses que se expressam sob as formas de comunidades tradicionais camponesas, ribeirinhos e quilombolas

Nos estudos sobre as transformações recentes no campo brasileiro não há como se ater a uma única disciplina, ou pelo menos não se pode desprezar as contribuições que diálogos

entre elas favorece em termos interpretativos. A complexidade imposta por movimentos do capital que se implanta em grande e crescente escala nos setores da mineração e do agronegócio, impondo infraestrutura de grande porte como usinas hidrelétricas, portos, barragens, estradas, ferrovias, hidrovias exige a presença da economia e estatística, tanto quanto da biologia, agronomia, geografia, história, sociologia e antropologia, em um mosaico que precisa ser bem digerido como instrumental para dar conta do quebra-cabeça que se implanta com efeitos econômicos, sociais, culturais e políticos.

O imbrincamento entre os conceitos de economia e espaço podem ser vistos no esforço por explicitar o método para compreensão deste componente (espaço) proposto por SANTOS (2012, p. 12). Esse componente convertido em uma linguagem visual vem se acrescentando aos trabalhos existentes e permitindo o aumento da eficácia do controle da sociedade civil organizada tanto quanto do poder público que vem se aparelhando de recursos tecnológicos facilitadores de cadastramentos cada vez mais precisos sobre as áreas visadas. Por estes instrumentos, a questão fundiária e ambiental adquirem contornos definidos, quantificáveis, monitoráveis, o que explica em parte a diminuição da voracidade com que o desmatamento e as queimadas vinham se fazendo no país, e em particular na Amazônia em pleno processo de colonização acelerada desde os anos 1970.

Por um lado a visibilidade do ambientalismo se projeta ao mesmo tempo em que, por outro, o agronegócio se manifesta como responsável pelas marcas de um processo de modernização tecnológica das atividades produtivas no campo, tanto quanto da expressão de relações anacrônicas entre capital e trabalho, como indicam os relatórios e publicações sobre trabalho escravo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia agrária tanto quanto os estudos rurais vêm se desenvolvendo para acompanhar o grau de complexidade que adquiriram os problemas do meio rural brasileiro e internacional.

De ciência instrumental como era percebida a Geografia, adquire arcabouço e densidade analítica, demonstrando que a espacialização dos atores sociais e suas relações se constituem em forma de compreensão das dinâmicas históricas, política e socioeconômicas, favorecendo ao entendimento dos elementos constitutivos e comportamentais dos agentes e de suas práticas, tanto quanto dos efeitos que produzem tanto no nível local quanto no global.

É visível e demonstrável a articulação entre as teorias produzidas para a apreensão da realidade e as tecnologias informacionais que se somam para a visualização dos fenômenos que se desenham nas paisagens e que podem adquirir um grau de formalização concreta e exposição por conta das possibilidades abertas pelo esforço dos intelectuais dessas áreas de conhecimento com a mobilização e diálogo com outras, em uma complementaridade e complexificação das descrições e análises possíveis por conta justamente do uso adequado das ferramentas tecnológicas e teóricas que vem sendo disponibilizadas. No caso específico dos estudos rurais que vinham se diluindo nas abordagens dos congressos das áreas que tradicionalmente absorviam estes espaços empíricos como a Sociologia, a Antropologia, a Administração, a Economia e a Educação, estes vêm ganhando corpo com a contribuição da Geografia agrária praticada nas universidades e desenvolvida em interação com os movimentos sociais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna. **Negros do Trombetas**. Guardiães de matas e rios. 2ed. Revista e ampliada. Belém: CEJUP/UFPA/NAEA, 1998.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Carajás. A guerra dos mapas. Belém: Falângola Editora, 1994.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BECKER, Bertha. **Amazônia**, Geopolítica na Virada do III Milênio. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico 13ª ed.** São Paulo: Editora Nacional, 1987.
- EMMI, Marília Ferreira. **A oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais** 2ed. Belém, UFPA/NAEA, 1999.
- GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. **O posseiro da fronteira**. Belém: Editora Paka-Tatu, 2013.
- HEBETTE, Jean. **Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2004.
- IANNI, Octávio. **A luta pela terra**: História social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia. Petrópolis, Vozes, 1978. 158 p.
- _____. **Colonização e contra reforma agrária na Amazônia**. Petrópolis, Vozes, 1979a. 137 p.
- _____. **Ditadura e Agricultura**. O desenvolvimento do capitalismo na Amazônia: 1964 - 1978. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979b. 249 p.
- LIBÂNEO, José Carlos; SANTOS, Akiko (Org.). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas: Alinea, 2005.
- LIPIETZ, Alain. **O capital e seu espaço**. São Paulo: Nobel, 1988.
- MARTINS, José de Souza. **A imigração e a crise no Brasil Agrário**. São Paulo: Pioneira, 1973. 222p. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).
- _____. **Os camponeses e a política no Brasil**. As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 3ed. Petrópolis, Vozes, 1986.

- NAHUM, João Santos. **Dinâmicas territoriais e políticas no Município de Barcarena no Estado do Pará**. Belém: Editora Açaf, 2011.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 2ed. São Paulo: Nobel, 1993.
- SANTOS, Milton. **Técnica espaço e tempo**. Globalização e meio técnico-científico informacional. 4ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado** 3ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton. **Novos rumos da Geografia brasileira**. 2ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SANTOS, Milton. **Economia espacial**. Críticas e alternativas. São Paulo: EDUSP, 2011.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. 2ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5ed. São Paulo. EDUSP, 2012a.
- SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura (Orgs). **O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI**. 16ed. Rio de Janeiro/São Paulo, 2012b.
- SILVA JR. Aluisio Fernandes da. **Territorialidade e representação do patronato rural paraense**. Dissertação de Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável Universidade Federal do Pará, Belém: 2008.
- THERY, Hervé. **Brésil / Brasil / Brazil (un atlas chorématique)**. Paris: Fayard/Reclus, 1996. 88p.
- TOURNEAU, François-Michel le et DROULERS, Martine. **L'Amazonie brésilienne et le développement durable**. Paris, Editions Belin, 2011.
- VELHO, Otávio Guilherme. **Frentes de Expansão e estrutura agrária. Estudo do Processo de Penetração numa área da Transamazônica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- VERDUM, Roberto; VIEIRA, Lucimar; PINTO, Bruno e SILVA, Luis Alberto da. **Paisagem: leituras, significados e transformações**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. (Série Estudos Rurais).

Artigo Recebido em: outubro de 2014.
Artigo Aprovado em: dezembro de 2014.